

COLORINDO O PASSADO CURITIBANO:  
RELAÇÕES ENTRE CIDADE, ESCOLA E CURRÍCULO\*

Valéria Milena Röhrich Ferreira\*\*  
vmilena@netpar.com.br

**RESUMO:** Este artigo investiga, por um lado, que histórias e memórias foram postas em circulação em Curitiba, na década de 1990 e no início do século XXI, e que relações mantinham com o projeto da cidade em andamento, e, por outro, qual o papel do campo educacional neste processo. Concluiu-se que no período estudado circularam diversas memórias e histórias da cidade, indício de que as identidades tanto da cidade quanto do cidadão estiveram em constante disputa, mas a seleção realizada pelos grupos estabelecidos foi a que teve maior possibilidade de circular em detrimento da *outsider*. O currículo oficial da rede municipal de ensino reforçou um projeto de cidade apolítico e em determinados aspectos preconceituoso.

**PALAVRAS-CHAVE:** cidade. Curitiba. currículo. Elias

INTRODUÇÃO

*Se não há nenhum passado satisfatório,  
sempre é possível inventá-lo.* (Hobsbawm, 1998, p.16)

Em pesquisa recente estudou-se a relação entre cidade, escola e currículo. Partiu-se do fato de que Curitiba, na década de 1990 e início do século XXI, apresentava um projeto de cidade bastante explícito<sup>1</sup> e que procurava tornar-se cada vez mais coeso a partir de determinadas instituições e práticas

---

\* Este artigo, com algumas alterações, foi apresentado no IV Colóquio Luso-Brasileiro de Questões Curriculares, 2008, Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina.

\*\* Professora Doutora do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

de grupos advindos de diferentes campos<sup>2</sup>, como Urbanismo, Arquitetura, Meio Ambiente, Literatura, Política, Economia, Mídia, Educação entre outros. Especialmente no campo educacional observava-se que as escolas da rede municipal de ensino eram chamadas a compor este projeto de diferentes formas, havendo a expectativa, por parte da mantenedora, por exemplo, de que efetivassem o currículo oficial com o auxílio de materiais curriculares entregues a cada criança da rede. Tais materiais continham conteúdos relacionados a este projeto da cidade, especialmente a coleção de Livros Didáticos *Lições Curitibanas*<sup>3</sup> e o *Jornal Curitibinha*<sup>4</sup>.

Ao se pretender estudar o currículo das escolas curitibanas deste período, sabia-se que não seria possível analisá-lo sem que se compreendesse a escola mergulhada na trama da cidade, sem que se analisasse a interdependência dos fios formadores deste projeto curitibano. Assim, um primeiro problema surgiu: quem explicaria o projeto? A quem dar voz? Dessa forma a pesquisa mapeou diversos indivíduos e grupos advindos de diferentes instituições e campos e, ao organizar tais dados, observou-se que nem todos compartilhavam das mesmas ideias, havendo os que pareciam fortalecer o projeto e os que dele discordavam, se autodenominando, inclusive, como vozes dissonantes, na contramão da história. A organização de tais dados aliado ao estudo das contribuições de Norbert Elias, permitiu que se demonstrasse a existência de uma configuração social da cidade que continha relações de poder do tipo estabelecidos-*outsiders*. Foi operando, portanto, com este construto teórico eliasiano que se pôde compreender que as vozes estabelecidas da cidade, ao fortalecerem o projeto, criavam ainda mais coesão em torno de si, fator este preponderante para a manutenção de suas posições como grupo estabelecido. Tal investigação demonstrou ainda que o projeto da cidade apresentava aspectos branqueadores, apolíticos e promotores de desigualdades sociais e étnicas.

Na investigação das assimetrias nas relações de poder da cidade que produziram, naquele período, uma configuração social favorável aos grupos estabelecidos, algumas categorias de análise emergiram como centrais para explicar as tensões nestas redes de interdependência entre estabelecidos e *outsiders*: sempre que se falava em Curitiba mencionavam-se formas de explicar o “tempo” da cidade e seus “espaços”, a partir de determinados “sujeitos” e com um modo próprio de se produzir a cidade a partir da “política”. Nesse processo, a “escola” era chamada a contar determinadas histórias, a demarcar lugares, a selecionar pessoas que estariam autorizadas a falar sobre a cidade, enfim, praticando um verdadeiro “currículo” curitibano.

Com relação ao tempo histórico, evidenciou-se que os fios formadores do projeto da cidade eram muito anteriores à década de 1990 e ao início dos anos 2000, apresentando raízes situadas há pelo menos 70 anos. Isso fez com que a pesquisa direcionasse um olhar cuidadoso não só para a constituição do projeto em si, mas também – e principalmente – para a relação que parecia se estabelecer entre o modo com que indivíduos e grupos explicavam o passado da cidade e o fortalecimento do projeto curitibano. É sobre este último aspecto, mais especificamente, que este artigo tratará.

Assim, de início, uma questão precisa ser sublinhada. Embora a pesquisa tenha ocorrido no âmbito das Ciências Sociais, sabia-se que, ao se aproximar do campo da História (ainda que alguns aspectos de outros campos, como o da Literatura, por exemplo, também se apresentem aqui) para pesquisar o passado da cidade – ou seja, as histórias e memórias postas em circulação – seria provável que ainda se encontrasse um tipo de história “em blocos”, “maciça”. Sobre este tipo de história, Peter Burke (1992) apontou que, por ser ela centrada nos grandes feitos dos grandes homens, acabava por destinar ao resto da humanidade um papel secundário no drama histórico. Foram as diversas críticas a este tipo de história, realizadas por historiadores vinculados às diferentes perspectivas originadas da Escola de Annales, que, inclusive, desencadearam a possibilidade da realização de uma “história vista de baixo”. Tais produções passam a se dedicar a histórias muitas vezes menosprezadas (das mulheres, dos negros, dos imigrantes, por exemplo), com a cultura popular e a partir de novos objetos e práticas cotidianas. Mas, se por um lado tais histórias “totais” postas em circulação em Curitiba precisariam ser contextualizadas e compreendidas no próprio movimento histórico do campo, por outro, seria legítimo que se investigasse se este tipo de história teria ajudado ou não no fortalecimento do projeto da cidade daquele período. Estaria em jogo, também, verificar se outras histórias puderam ser produzidas naquele mesmo momento histórico.

De qualquer forma, os dados empíricos encontrados sobre o tempo histórico da cidade indicavam a existência de versões históricas estabelecidas, altamente capitalizadas, postas em circulação e versões *outsiders* abafadas, ou que, se não se tratavam de “novas” versões históricas, tratavam-se, ao menos, de boas provocações, questionamentos às verdades históricas consagradas.

Optou-se, na sequência, por apresentar períodos e fatos históricos mais destacados na década de 1990 e no início dos anos 2000, tanto pelos materiais de divulgação da cidade (livros, *folders*, materiais didáticos) quanto pelos seus mobiliários urbanos (parques, portais etc.) problematizando-se o quanto se aproximariam de fortalecer ou questionar o projeto da cidade daquele período.

## A HISTÓRIA PACÍFICA: A ROMANTIZAÇÃO DO ÍNDIO E A SUA RELAÇÃO COM A IGREJA E COM HOMENS BRANCOS

*Cada mitologia é, no fundo, uma classificação, mas que haure seus princípios das crenças religiosas e não das noções científicas.*  
(Mauss e Durkheim in Mauss, 2005, p. 448)

Quando se conta a história da cidade de Curitiba é comum que se inicie destacando a história do seu nascimento e para isso é usual que se conte sobre uma lenda que parece significar para os curitibanos uma espécie de “mito fundador”. Rui Wachowicz, por exemplo, em seu livro *História do Paraná*<sup>5</sup> – escrito na década de 1970 mas com reedições nas décadas de 1980, 1990 e no ano 2000 – no capítulo intitulado “Origens de Curitiba”, ao descrever a região em meados do século XVII, o autor comenta que nesta época o local já contava com uma série de núcleos de garimpeiros provisoriamente instalados os quais conviviam no “sertão bravo” com os índios Tingüi. É a história da mudança do local provisório para um local definitivo que contém essa espécie de “Mito Fundador”. A lenda relatada pelo historiador:

Conta também uma antiga lenda que todas as manhãs, na capela do local, a imagem de Nossa Senhora da Luz, que ali se venerava, estava com o olhar voltado para o lado onde queria que se erigisse sua igreja definitiva. Isto é fruto, naturalmente, da imaginação de seus crédulos habitantes. [...] A lenda continua narrando que para ter sempre uma boa amizade com os indígenas, os povoadores convidaram o cacique de uma tribo Tingüi, que habitava a região, para indicar-lhes o local mais apropriado. Este cacique aceitou o convite e, depois de procurar demoradamente um bom lugar, fincou uma vara no chão, dizendo: Core-etuba, isto é, muito pinhão, aqui. Desta expressão do cacique tingüi surgiria o nome da futura capital dos paranaenses (WACHOWICZ, 1995, p. 62).

Sobre essas informações, o historiador escreve:

É verdade que não se encontram documentos históricos que comprovem a veracidade destas informações; entretanto, como é uma tradição que não se contradiz com a verdade que conhecemos sobre o assunto, completa-se com os fatos reais ocorridos. Desta forma pode ser considerada como verdadeira (WACHOWICZ, 1995, p.62).

Na coleção didática *Lições Curitibanas*, distribuída para cada criança da rede municipal a partir de meados da década de 1990, a lenda também é contada e a versão apresenta uma pequena diferença na narrativa: “Como o lugar era habitado pelos índios tingüis, os colonizadores pediram ao cacique que indicasse o lugar mais adequado para a construção do povoado” (*Lições Curitibanas*, 3ª série, v. 1, p. 239).

Ao se analisar outros materiais de circulação pela cidade<sup>6</sup> (da década de 1990 e início e meados da década seguinte), nota-se também o destaque dado à lenda cujo relato muitas vezes é associado à reprodução da pintura de Theodoro de Bona<sup>7</sup> (reconhecido artista paranaense) sobre a lenda. Na pintura, a cena central apresenta um português que segura uma estátua de Nossa Senhora da Luz e a seu lado o cacique Tindiquera que finca uma estaca na terra, indicando o melhor local para fundação da cidade. No lado esquerdo do quadro, homens brancos e no lado direito, índios.



Figura 1: Reprodução da pintura de Theodoro De Bona – Cacique Tindiquera indica o local da fundação de Curitiba

A recorrência, nos diversos materiais analisados, desde a pintura até o texto contando a lenda (a pintura é de 1948 e também é veiculada na coleção de livros *Lições Curitibanas*) demonstra que ela ainda faz parte do imaginário curitibano. Assim, há um reforço à tradição quando se conta a

lenda e, caso se aceite que ela funcione como uma espécie de “mito fundador”, é preciso problematizar tanto o conteúdo do mito quanto a própria necessidade de perpetuá-lo. Sobre essa questão, o sociólogo alemão, Norbert Elias (2001, p. 48), adverte<sup>8</sup>:

Os homens efetivamente precisam de mitos, mas não para comandar sua vida social. Isso não funciona com mitos. Estou profundamente convencido de que os homens conviveriam mais facilmente sem mitos. Os mitos, parece-me, acabam sempre por se vingar. [E assegura ainda]: Não se deveria nem iludir a si próprio nem aos outros com mitos. Acho muito seriamente que vivemos numa verdadeira floresta de mitologias, e que nesse momento uma de nossas missões essenciais é nos livrarmos delas.

Ainda pensando sobre os mitos, Mauss (2005, p. 385) argumenta que não basta torná-los compreensíveis, mostrando as ideias que lhe são subjacentes ou antecedentes: “Cumprir ainda redescobrir quer os sentimentos sociais, quer as estruturas sociais de que estes fatos constituem expressão, de que estes mitos são apenas as representações, de que estes ritos nada são exceto os gestos”.

De acordo com as lições de Elias e de Mauss, é preciso analisar a mensagem passada pelo mito fundador curitibano: quem funda a cidade é a Igreja (a Nossa Senhora indicando o caminho) em comunhão com brancos e índios. Dessa forma, seria preciso entender a época a que o mito se refere: de tensões entre o colonizador que chega e o índio que defende sua terra; entre atores da Igreja que querem impor suas crenças e sua religião (obviamente também, e talvez acima de tudo, entre interesses econômicos e políticos envolvidos na “catequese” que não podem ser desconsiderados) e os índios escravizados. Contar o mito da união pacífica seria, em última instância, relatar tudo que não ocorria na prática e o que se almejava de fato acontecer. Mas, há de se pensar, ainda, nas intenções políticas de se “desenterrar” tal mito depois de séculos e perpetuá-lo como se fez, por exemplo, quando se contou tal história nos materiais curriculares oficiais da rede municipal de ensino na década de 1990 e nos materiais de divulgação da cidade na mesma época.

Todavia, foram encontradas outras possíveis leituras e releituras sobre a lenda? A análise de diversos materiais produzidos demonstrou que tal “mito fundador” praticamente não era questionado, no entanto, encontrou-se uma interpretação que poderia ser chamada de *outsider* embora mais recente. Trata-se de uma charge realizada por Thiago Rechia<sup>9</sup> que ironiza a submissão dos índios perante a Igreja no momento da escolha do local da

fundação da cidade. E, se por um lado, ao circular em material impresso em pleno século XXI tal charge tenha revelado o quanto o mito ainda sobrevive no imaginário da cidade, por outro, provocou a percepção do interlocutor sobre as relações de poder nele contidas.



Figura 2: Thiago Rechia in *Revista Idéias*, n. 20, 2005

Sobre a versão escolar parece haver uma possibilidade maior de problematizá-la na medida em que deixa claro, ao menos, como a direção que a Igreja apontava como ideal localizava-se em região habitada pelos índios, pediu-se que o próprio índio indicasse a melhor escolha. Mas, de qualquer forma, ainda é uma versão asséptica deste período histórico.

Pensando também sobre a história da relação “pacífica” entre os atores deste período histórico, algumas histórias do Paraná e de Curitiba se esforçam por reforçá-la. Quando o historiador Wachowicz (1995) explica sobre o indígena na conformação paranaense, no livro anteriormente citado, embora descreva as tensões e guerras entre brancos e índios, principalmente entre tribos, e também evidencie a situação de escravidão a que estes eram

submetidos, tem-se a impressão de que, na relação entre brancos, índios e Igreja, a situação não é problematizada. Um exemplo sobre isso aparece quando o historiador descreve “As reduções indo-cristãs em Guairá”, em que parece utilizar um tom bastante benevolente para com os jesuítas. Quando o pesquisador descreve “As Reduções” explica:

A coragem, a fé inquebrantável e um dinamismo invulgar dos padres rapidamente semearam, no vasto território das reduções, grande número destes aldeamentos [...].

Esta obra de catequese e de civilização dos padres da Companhia não tem paralelo de comparação com qualquer outra em prol da civilização, tal é o vulto e a amplitude desta. Em poucos anos, conseguiram estes intrépidos missionários aldear mais de cem mil índios; e o mais importante é que os jesuítas conseguiram fazer penetrar no ânimo dos indígenas os sentimentos de trabalho sistemático e disciplinado, o que até então ninguém havia realizado (WACHOWICZ, 1995, p. 28).

Porém, existiriam outras possibilidades de compreensão desta relação, exploradas naquele mesmo período em que Wachowicz, por exemplo, escreve sobre os jesuítas? Sobre isso, encontrou-se outra interpretação em um campo diferente do histórico, o literário, e da década seguinte à que Wachowicz escreve (embora não se possa esquecer que este livro do historiador foi reeditado nas décadas seguintes). Paulo Leminski, um grande escritor e poeta curitibano, em seu livro *Anseios Crípticos*, ao se referir ao período áureo das Missões Jesuíticas no Sul do País (1610-1768), comenta que “o missionário jesuíta foi o mais qualificado agente do colonialismo europeu, no terreno cultural e espiritual” (1986, p. 24). E acrescenta:

No geometrismo urbanístico que uniformizava as Missões [...], os jesuítas buscavam acumular riquezas e salvar as almas dos índios, fazendo dos guerreiros do sertão sacristãos devotos e candidatos ao céu. Para transformar um bugre bravo em índio “missionário”, o jesuíta tinha que, primeiro, extrair-lhe a alma. Quer dizer, demolir sua cultura. A fé em suas crenças. Seus ritos. Suas danças sexuais. Seus cantos mágicos. O prestígio dos seus pajés. [...] num exercício de violência cultural de fazer inveja aos mais zelosos braços direitos de Hitler (LEMINSKI, 1986, p. 24).

Sobre essa temática, a coleção de livros didáticos da rede *Lições Curitibanas* é novamente pouco problematizadora. Ao explicar sobre a coloni-



zação do Brasil, pelos portugueses, por exemplo, explicita em um trecho: “[os portugueses] Trouxeram, também as leis, a maneira de governar e a religião, logo ensinada aos índios pelos padres da Igreja Católica” (LIÇÕES CURITIBANAS, 3ª série, v. 1, p. 178).

Nesse sentido, a pergunta possível de ser feita é a seguinte: se existiam outras interpretações acerca da relação entre brancos, índios e Igreja, mesmo que advindas de outro campo e com uma circulação um pouco mais limitada (embora Leminski fosse um poeta muito conhecido bem como seus escritos, provavelmente este seu livro não era tão popular quanto o de Wachowicz que no final da década de 1980 já estava em avançadas edições), por que não foram incorporadas pelos materiais curriculares produzidos em meados da década de 1990? Ao que parece tais reflexões de Leminski não ajudaram a provocar um repensar destas explicações históricas.

Observou-se ainda na pesquisa que a cidade também ensinava a sua história por meio da organização do espaço que dispunha aos cidadãos. Assim, vale lembrar das palavras de Viñao Frago e Escolano (2001, p.30):

A cidade moderna é, na maior parte dos casos, um construto gestado entre interesses e conflitos, apesar do qual o entreamento de racionalidades e irracionalidades em que ela se materializa constitui uma parte importante, decisiva, do currículo não cursado, uma fonte silenciosa de ensinamentos.

A cidade apresentava, à época da pesquisa, uma série de mobiliários urbanos (muitos deles construídos na década de 1990) que, como um verdadeiro currículo vivo, ensinava determinadas histórias e “enquadrava memórias” (POLLAK, 1989). Sobre os índios, por exemplo, diversos parques da cidade continham nomes indígenas, o que seria uma suposta homenagem a este segmento formador da cidade e do estado, no entanto, curiosamente o que menos se fazia era, de fato, transmitir a cultura indígena. Um exemplo disso é o “Parque Tingüi” que, embora tenha este nome e até incluía uma estátua do Cacique Tindiquera na sua entrada, traz, na verdade, toda a história e a memória ucraniana (com direito a uma igreja-museu, portal e um imenso ovo pintado nos traços tradicionais da cultura). Outro exemplo é o parque Tanguá que figura entre as arquiteturas espetaculares da cidade, uma verdadeira “vitrine” (SÁNCHEZ, 2001, p.162) para atrair turismo e investimentos. Dessa forma, o índio é incorporado formalmente ao projeto da cidade, mas não se incorporam e não se preservam de fato suas memórias e sua cultura.

Outra relação possível entre o projeto da cidade e a incorporação do índio na conformação do povo paranaense e curitibano pode ser feita a

partir de outros campos e de tempos bem mais distantes do que a década de 1990.

Em finais do século XIX e início do século XX no Paraná houve diversas imigrações e sistemáticas migrações, chegando ao estado, neste período, novos senhores do café que continuavam a prestar contas (políticas e econômicas) muito mais a São Paulo, de onde originavam, do que ao estado em que se instalavam, acentuando, nesta época, ideias de se “paranizar” o estado. Assim, se desenvolveu no Paraná e em Curitiba, no primeiro terço do século XX, um movimento artístico-literário e político chamado “Paranismo” que tinha por objetivo dar uma identidade própria ao estado que o diferenciasse dos demais. Romário Martins, que criou à época o “Centro Paranista”, defendia: “o verdadeiro paranista, o tipo ideal do paranista nascerá ‘da vontade realizadora, da cooperação fraternal, da cultura generalizada, da beleza física e moral’” (in SOARES DE OLIVEIRA, 2005, p.34).

Dessa forma, nas Artes, pintavam-se pinheiros; na Política, inventou-se o primeiro brasão do estado; na Arquitetura, criavam-se colunas, capitéis com motivos de pinheiro e de pinha; na Literatura, faziam-se poemas paranistas; na História, passava-se a valorizar os heróis do Paraná e criavam-se, resgatavam-se e transfiguravam-se lendas indígenas. Sobre a definição, portanto, do “paranaense”, o movimento geralmente esquecia-se do negro e, a princípio, do índio. Posteriormente, no entanto, segundo Soares de Oliveira (2005), o movimento recupera o índio, porém fazendo uma leitura própria do “selvagem”, ao inventar lendas que o transformaram no bom selvagem que ajudou na adaptação dos europeus e na evolução econômica da terra. Para o pesquisador: “torna o índio um elemento útil do passado, mas ausente, tanto quanto o negro, que permanece fora” (SOARES DE OLIVEIRA, 2005, p. 37).

E, enquanto o Paranismo ia se tornando um movimento cada vez mais endógeno, vozes *outsiders* ganhavam espaço criticando o movimento ao longo do século. Um dos grandes cronistas da cidade, Dalton Trevisan, por exemplo, que era uma força atuante e crítica do Paranismo nos anos quarenta, fazia pesada crítica ao movimento neste período sendo que continuou analisando sistematica e criticamente a cidade e o seu viés paranista pelos próximos 60 anos<sup>10</sup>. Mas, sobre o Paranismo, é importante destacar, ainda, que o movimento voltou com força total na década de 1990, principalmente pelas mãos do prefeito Rafael Greca (1993-1996), e mais, por meio do currículo oficial da rede. Tanto a coleção de livros didáticos *Lições Curitibanas* quanto o Jornal *Curitibinha* apresentavam inúmeros símbolos paranistas e “lições” que se por um lado invisibilizavam ou desinfectavam

as produções de artistas críticos como Trevisan e Leminski, por outro, enalteciam sobremaneira a literatura e a arte paranistas<sup>11</sup>.

TENSÕES ENTRE PROSPERIDADE E POBREZA NA ORIGEM DA CIDADE E O SILÊNCIO SOBRE ALGUMAS ETNIAS

*Mas os negros não trouxeram apenas um rico imaginário. Saídos de sociedade de intensa expressão artística (danças, cantos, representações teatrais, música instrumental complexa), com a participação de todos os membros da comunidade, os africanos transportados nos navios negreiros eram artistas, de dotes vocais, acrobáticos e coreográficos certamente superiores aos dos obtusos senhores do engenho, que os adquiriram para lavrar seu eito, no inferno manso da Casa Grande & Senzala.*  
(Leminski, poeta, 1986, p. 23)

Depois da história do nascimento da cidade, o próximo período que se costuma enfatizar na história de Curitiba apresenta o seguinte dilema: contar a história da pobreza e da insignificância da 5ª Comarca de São Paulo ou uma história ascendente de progresso e de sucesso.

Pode-se dizer que Curitiba, no início, se desenvolveu por dois motivos: um porque havia interesse de Portugal, de modo geral, pela economia mineiradora e outro, pela própria localização geográfica da cidade, uma vez que se encontrava situada no meio de dois ou três grandes núcleos econômicos (São Paulo, Rio Grande e, mais adiante, Minas Gerais). Acontece que em Curitiba até teve algumas lavras de ouro com algum período produtivo (entre final do século XVII e início do XVIII), porém, nunca foi grande a sua produção. Dessa forma, depois de pouco tempo, tal produção já se tornava decadente levando seus moradores a expandirem suas atividades para a pecuária e a agricultura. Nesse período, produzia-se apenas para consumo, uma vez que a região encontrava-se ainda bastante isolada, não havendo possibilidade de escoar a produção para outras localidades.

No século XVIII, os Campos Gerais paranaenses foram ocupados, pois faziam parte da rota das tropas que levavam o gado do Rio Grande do Sul para ser revendido em Sorocaba (e então conduzido até Minas Gerais), o que ajudou a desenvolver a região, mas, mesmo assim, a região passou boa parte deste período em dificuldades. Dessa vez, o documento recupe-

rado por Wachowicz (1995, p.72) parece apresentar de forma mais realista a situação da cidade:

Curitiba no século XVIII não passava de uma localidade quase esquecida e praticamente isolada do restante da Capitania, embora fosse até fins do século a única vila, legalmente constituída, na região do planalto [...] Os habitantes do planalto contentavam-se, como afirma Lourenço Ribeiro de Andrade, a andarem com pouca roupa, por falta de meios e viviam 'quase como o gentio, com que se misturavam'.

Todavia, os textos mais próximos do discurso oficial da cidade procuram reforçar uma história linear e ascendente para esta localidade, neste período. Um exemplo é a coleção didática *Lições Curitibanas*, que embora em alguns trechos até aponte os problemas relacionados à pobreza da cidade, em outros, traz ideias romantizadas a respeito desta. Para tal, recorre-se a poesias impressas em página inteira, na abertura de novas unidades a serem estudadas juntamente com agradáveis imagens, como, por exemplo,

Pepitas reluzindo  
No Sul do Brasil  
Cidades Surgindo  
Sob o céu cor de anil.

No planalto verdejante,  
Tímida vilinha  
Aos poucos desabrochou,  
Resplandecendo à luz do ouro,  
Cidade Sorriso se tornou.  
Ivany (LIÇÕES CURITIBANAS, 1994, 3ª série, v. 1, p. 227)

Ou ainda:

Quando o ouro na nossa terra brilhou.  
Muita gente iludiu.  
O brilho se apagou,  
o ouro acabou.  
Mas o tempo não parou.  
Foi apenas o começo  
E um Paraná sem tropeços

Dali Surgiu.

Ivany (LIÇÕES CURITIBANAS, 1994, 4ª série, v. 1, p. 257)

Sobre esta situação inicial da cidade, encontrou-se uma versão *outsider* completamente bem humorada advinda de um campo diferente, o da Arquitetura. Dudeque (2001), pesquisando sobre a história da arquitetura de Curitiba, escreve: “Havia uma piada, divulgada pelo jornal *O Pasquim*, que dizia que Curitiba, em tupi, significava do mundo, donde o nome da cidade ser Curitiba”.

Sobre esse período inicial da história da cidade e do estado, é preciso discutir, ainda, outra questão importante: a necessidade de se argumentar insistentemente que não havia negros no Paraná e em Curitiba, ou que estes existiam em menor proporção do que no restante do Brasil. Muitos materiais de divulgação de Curitiba, ao se referir a este período, simplesmente não falam da existência do negro na conformação da cidade. Assim, os discursos “estabelecidos” procuram reforçar uma cidade branca:

Curitiba – a capital do estado do Paraná – localizada na região sul do Brasil, mostra por entre arranha-céus e muitas áreas verdes a sua história urbana iniciada há mais de 300 anos. Aqui, em meados do século XVII, portugueses e indígenas deram início ao que hoje é uma metrópole com mais de 1 milhão e 600 mil habitantes (HISTÓRIA, p. 22)<sup>12</sup>(grifos nossos). [Ou ainda]: Feita inicialmente por espanhóis, portugueses, índios e mestiços, a colonização do estado contou ainda com a influência de alemães, poloneses, italianos, ucranianos, entre outros, que vieram a se juntar aos pioneiros para contribuir com o desenvolvimento do Paraná (HISTÓRIA, p. 23).

Alguns historiadores, como, por exemplo, Wachowicz e Martins<sup>13</sup>, ao trabalharem com estatísticas de movimentação do negro no estado e na capital, acabaram por dar ênfase à ideia de que a região teve, historicamente, poucos negros. Wachowicz, especialmente, sobre a colonização do Paraná relata: “havia elevada participação do elemento escravo na sociedade paranaense de então, mas não de maneira avassaladora, como o foi no nordeste açucareiro, ou das Minas Gerais” (WACHOWICZ, 1995, p. 134). Explicava ainda que os mineradores, no caso do Paraná, “não chegavam a ganhar um avultado capital necessário para a compra de grande número de escravos africanos” (p. 134). Assim, aparece aqui mais um conflito entre as versões históricas possíveis: ao se argumentar que a região não contava com muitos negros, precisaria admitir que isso acontecia porque a cidade era pobre. Caso se

admitisse que a cidade, à época, prosperava, então por que não havia tantos negros? De qualquer forma, não se justifica a invisibilidade desta etnia na conformação de Curitiba, como os meios de divulgação da cidade – como a revista do IPPUC, por exemplo – quiseram produzir.

De meados do século XIX em diante, com as pressões para a abolição da escravatura e com leis cada vez mais severas e proibitivas a respeito da entrada de africanos no Brasil, utiliza-se do argumento de que, com a diminuição de mão de obra para a lavoura, seria preciso incentivar a vinda de imigrantes europeus. Na verdade havia por trás desse incentivo a divulgação de visões eugênicas de que países de maioria negra seriam extremamente atrasados, pouco civilizados, o que dá impulso a ideias de “caimento” da população.

Para Wachowicz (1995, p. 137) “a partir do século XIX ocorreu no Brasil, e por extensão ao Paraná, a tendência para o branqueamento de sua população”, pelos seguintes motivos: a proibição do tráfico, o incentivo à imigração europeia e o elevado índice de miscigenação entre vários grupos étnicos formadores da população. A ênfase no branqueamento paranaense, divulgada pelo historiador é feita a partir dos dados estatísticos colhidos por Martins (*apud* WACHOWICZ, 1995, p. 137):

Em 1890, primeiro recenseamento feito sob o regime republicano [...] a população paranaense era de 294.491 habitantes, sendo 5,17% o coeficiente de negros, uma das três menores porcentagens dentre as de todos os Estados, sendo em São Paulo de 12,97%, no Distrito Federal de 26,79% e na Bahia, de 29,30%”.

Mas, como é possível um país e um estado que por duzentos anos manteve uma grande porcentagem de negros<sup>14</sup> pudessem “branquear-se” tão rapidamente no século XIX? Ao longo das últimas décadas existiram outras possibilidades de explicação sobre o tema? Histórias *outsiders*? Na década de 1960 Ianni (1988)<sup>15</sup> demonstrou que a região do Paraná e de Curitiba tiveram uma escravatura aos moldes de outras partes do País, e que desde meados do século XVIII a participação do negro e do mestiço na população de Curitiba é elevada. Para o autor, houve uma relativa diminuição de negros na cidade ao longo do tempo e isso deu-se por vários motivos: no último quartel do século XVIII, a população de Curitiba estava em descenso provavelmente pela conjuntura econômica da região; a população escrava também crescia pouco em termos absolutos; havia coeficiente maior de mortalidade entre os negros devido às suas próprias condições de vida; a população de negros não era só de escravos, havia a miscigenação e uma parcela de negros e mulatos livres.

Dessa forma, ao iniciar o século XIX, embora o grupo escravo correspondesse a aproximadamente 16% da população total, esses 16% representavam 50% dos trabalhadores do conjunto da população ativa. Assim, enquanto muitos pesquisadores das últimas décadas se esmeravam em defender a ideia de um estado ou de uma cidade mais europeia, diferente do Brasil, Ianni apresentava conclusões diferentes. Quando analisou a mineração como fundamento econômico da estrutura social constituída em Curitiba, por exemplo, ainda comentou:

Independente do coeficiente relativo de cativos na comunidade, o regime de trabalho escravizado foi uma instituição básica para a qual sempre tendeu a utilização da força do trabalho. [...]. Em linhas gerais, [...], o que ocorreu foi, inicialmente, uma predominância de índios ou seus descendentes; depois os negros, e mestiços seus, começaram a aumentar relativamente aos outros, chegando a dominar numericamente (IANNI, 1988, p. 31).

Já a coleção de livros didáticos *Lições Curitibanas*, quando explorava a questão dos negros, discutia-a, na maior parte das vezes, do ponto de vista do Brasil. Uma história em quadrinhos em que o preconceito racial é discutido, é um bom exemplo desta operação. A professora conversa com dois alunos (um negro e um branco) que estavam brigando e explica a eles sobre as contribuições do negro para a cultura. Note-se que ela sempre se refere ao Brasil:

- As pessoas negras que vivem hoje no Brasil, são descendentes de africanos que possuem assim como outros povos, tradições, costumes, enfim, toda uma cultura.
- E por que desprezam a gente?
- Bem! Os primeiros negros trazidos ao Brasil foram escravizados, sendo totalmente desvalorizados em sua cultura e em sua humanidade (LIÇÕES CURITIBANAS, 3ª série, v. 1, p. 204-209).

A história se encerra com um aluno pedindo desculpas para o outro e com a professora realizando um painel ressaltando as contribuições do negro nas danças. Mas, curiosamente, não se questiona como é recebida a música de afrodescendentes em Curitiba<sup>16</sup> ou mesmo como o curitibano se coloca diante de questões raciais.

Ao se investigar como a trama da cidade costurava também estas histórias do negro na conformação do paranaense e do curitibano, observa-

ram-se novas fontes silenciosas de ensino e ainda que, de fato, os mobiliários urbanos ensinavam a invisibilidade do negro. Dentre os inúmeros parques e portais da cidade, não existe nenhum em homenagem a esta etnia. Quando se divulgam os espaços que contam “a memória do nosso povo”, como bem lembraram Moraes e Souza (1999), há o “esquecimento” desta etnia:

Os portais sempre fizeram parte da história de Curitiba, mantendo viva a memória da cidade.

Muitos deles registram a presença dos imigrantes europeus e asiáticos que aqui encontraram aconchego e que, com suas tradições, contribuíram para a formação de um verdadeiro mosaico de hábitos, costumes, valores e crenças. Isso faz uma Curitiba diferente. É a cidade homenageando de maneira significativa italianos, alemães, poloneses, ucranianos, japoneses e tantas outras etnias que constituem seu povo.

Assim, os portais são uma forma de demonstrar gratidão e reconhecimento àqueles que ajudaram a transformar a Curitiba de ontem na metrópole de hoje (LIÇÕES CURITIBANAS, 4ª série, *apud* MORAES; SOUZA, 1999, p. 13).

É possível refletir sobre o papel da arquitetura no currículo da cidade: “toda arquitetura é definitivamente necessária, mas também arbitrária; funcional, mas também retórica. Seus signos indiciários deixam, em seu contato, traços que guiam a conduta” (VIÑAO FRAGO; ESCOLANO, 2001, p. 39). Que traços seriam estes, então, formados a partir de uma visão branqueadora de mundo? Que identidades curitibanas, a sua arquitetura estaria ajudando a formar? Sobre isso o historiador Almeida afirma em entrevista para a revista *Idéias*:

A mudança, ou a readequação da identidade, acontece num dado momento ‘em que o poder público ou os intelectuais sentem necessidade de construir uma identidade’, explica. E, como é de se prever, por surgir de forma deliberada, as identidades passam por um processo de seleção. É por isso que entre os símbolos da cidade e suas etnias – o portal italiano e o relógio alemão, por exemplo – não se encontra o portal da população africana. ‘A memória paranaense, curitibana em particular, parece ter uma certa implicância com esse elemento.’

Dentre os diversos exemplos da propagação de uma história e de uma memória branca, é possível descrever mais um, de um campo diferente do histórico, o econômico. No aniversário da cidade, já adentrando o século XXI, uma empresa de *Fast Food* coloca folhas em suas bandejas de lanche



que, para além de parabenizar a cidade por meio da ilustração de espaços que ela julga importantes, trazem mensagens que ensinam determinadas histórias e perpetuam determinadas memórias. Assim, as folhas divulgam o “Bosque do Papa”, nele – diz a o narrador – “há casas de troncos de madeira, que pertenceram aos imigrantes poloneses do fim do século XIX”; a Praça do Japão na qual “a estátua de Buda demonstra o respeito da cidade por essa cultura oriental”; e ainda a imagem da reprodução da Igreja de São Miguel Arcanjo, que abriga um museu: “Fica no Memorial Ucrâniano, construído em 1995 para festejar o centenário da imigração ucraniana”. A reportagem fala, ainda, do Memorial Árabe, na Praça Gibran Khalil, da estufa inspirada nos Palácios de Cristal de Londres, entre outros equipamentos urbanos. Curiosamente memórias negras e indígenas não são mencionadas.

#### UM BRASIL MAIS EUROPEU: A ÊNFASE NA HISTÓRIA DOS IMIGRANTES QUE CHEGARAM À CURITIBA E AO PARANÁ

*A mãe juntou sementes de girassol, pepinos, tomates, algum centeio, e o pai desmontou o arado e colocou junto com a bagagem, estávamos decididos a viajar para o Paraná...*

(Memórias da imigrante Olena Bacista *in* BORUSZENKO, 1988).

A história dos imigrantes, no Paraná, é cheia de festejos. Aprende-se nos livros oficiais sobre as comidas típicas, sobre as palavras diferentes trazidas pelo imigrante, suas tradições e seus costumes. A história oficial da cidade, portanto, inicia-se com o mito fundacional português-índio-igreja, desconsidera histórias negras e privilegia, sobremaneira, a chegada dos imigrantes como um fator importante no desenvolvimento da cidade e na contribuição dos traços exaltados da sua cultura.

No Paraná os primeiros imigrantes que chegaram foram os alemães, trazidos, segundo Wachowicz, por um tropeiro e latifundiário que os instalou, em 1829, às margens do rio Negro, para afugentar os índios Xokleng para as matas, diminuindo os ataques que suas tropas sofriam na região. Depois dos alemães, muitos poloneses chegaram (57.000), como também ucranianos (22.000), alemães (20.000), japoneses (15.000) e italianos (14.000), (dados de imigrantes que chegaram até 1848 *in* WACHOWICZ, 1995, p.152). Vieram, ainda, franceses, austríacos, ingleses, russos, sírio-libaneses, holandeses, portugueses, espanhóis entre outros.

Sobre a imigração Wachowicz intitula um item de seu livro *Um Brasil mais europeu* aproximando, no texto, o Paraná da Europa:

A presença em território paranaense de grupos étnicos tão numerosos e das mais diversas procedências deu ao Estado uma característica toda especial. Provavelmente, o Paraná é o maior laboratório étnico do Brasil. A entrada de 5.500.000 imigrantes no sul do país a partir do século XIX, deu a essa parte do Brasil uma conotação diversificada. O sul do país é uma região com características mais européis (sic) do que o Rio de Janeiro, Minas Gerais ou o nordeste (WACHOWICZ, 1995, p.151).

Curitiba, o autor compara-a a outras capitais:

Se examinarmos o movimento imigratório no todo da federação brasileira, observamos que o Estado de São Paulo recebeu cerca de 55% de toda a imigração que veio para o Brasil. Seguem por ordem quantitativa o Rio Grande do Sul, Santa Catarina, e finalmente o Paraná (WACHOWICZ, 1995, p. 153).

Sobre isso, é interessante observar que mesmo que mais da metade dos imigrantes tenham ido para São Paulo, tal fato não foi “aproveitado” pelos paulistas para se autodenominarem mais europeus do que o restante do Brasil.

Com relação aos “imigrantes” estes, são compreendidos, geralmente, como uma categoria monolítica. Para Nadalin (1981), por trás da aparente homogeneidade étnico-cultural dos imigrantes de uma etnia, por exemplo, há diferenças que precisariam ser consideradas, como diferenças entre os grupos que continuaram em sua pátria e os que decidiram emigrar (sentimentos, expectativas e objetivos diferentes entre estes dois grupos); diferenças entre os pioneiros e seus filhos (os dois grupos marcados diferentemente pela herança cultural e pela integração no país que os recebeu); e diferenças entre a cultura dos novos agrupamentos e dos antigos.

Seria preciso investigar ainda sobre a convivência, em um mesmo local, de imigrantes advindos de diferentes etnias. No caso de Curitiba, seria possível problematizar, por exemplo, o baixo status<sup>17</sup> que outras etnias atribuíram ao polonês (referindo-se a ele, por vezes como o “o negro ao avesso”); ou a situação dos imigrantes alemães nas épocas de guerra, muitas vezes sofrendo e tendo de responder, aqui, pelas posições adotadas na guerra pelo seu país de origem.

A respeito dos imigrantes, a coleção de livros didáticos da rede municipal reforça a ideia de uma harmonia interétnica. Um primeiro olhar já torna evidente o uso de imagens coloridas de crianças de diferentes etnias, felizes, de mãos dadas, mas também, quando se observa o tipo de seleção curricular feita em que se opta, por exemplo, por demonstrar as tradições natalinas cristãs de determinadas etnias.

Outro aspecto importante tratado pela coleção é quando se ensina ao pequeno curitibano sobre como a cidade preserva a sua história por meio da conservação de prédios e de lugares importantes que contam “a” história da cidade. Em uma das lições ensina-se:

O espaço curitibano, desde o século passado, foi sendo ocupado por imigrantes que deixaram marcas profundas nos costumes, nas construções, as quais apresentaram os mais diversos estilos arquitetônicos (LIÇÕES CURITIBANAS, 3ª série, v. 2, 1994-1995, p. 376).

Na sequência, apresentam-se ilustrações belíssimas como as da Igreja mais antiga da cidade (com “altar-mor folheado a ouro”); da Casa Hauer (arquitetura alemã); do Castelo do Batel (réplica de um castelo francês com arquitetura típica do renascimento), entre outras e argumenta-se:

Por meio da preservação e da restauração, Curitiba registra a memória daqueles que construíram a cidade. Preserva também o trabalho das diferentes nacionalidades que vieram para somar esforços e tornar nossa capital mais bela (LIÇÕES CURITIBANAS, 3ª série, v. 2, 1994-1995, p.377).

Sobre tais construções é sabido que além de se preservar apenas parte da história da cidade – aquela de origem branca, europeia – também se preserva apenas aquelas que trarão benefícios do ponto de vista econômico. Sobre isso, Navolar (2006), ao estudar a preservação do patrimônio em Curitiba e a arquitetura dele resultante de 1965 a 2000 percebeu que a preservação das unidades isoladas esteve diretamente vinculada ao “Potencial Construtivo” de determinadas construções depois de restauradas. Tais restaurações privilegiam apenas as unidades com maior volume deste potencial, independentemente do grau de importância histórica ou arquitetônica para a história da cidade.

#### A CURITIBA DE MIDAS: A ÊNFASE NA HISTÓRIA URBANA DA CIDADE A PARTIR DA “ERA LERNER”

*Como é linda Curitiba. Tudo aqui é planejado.  
E também é limpa, o prefeito é um homem chamado Lerner.  
(O Gibi da Democracia, 1989)*

Na trilha deixada pelos materiais de divulgação da cidade sobre destaques na história de Curitiba, um último aspecto precisa ser aqui ressaltado: o período em que a cidade tornou-se mais urbana e industrializada. Sobre

este aspecto, muitos são os materiais que procuram sublinhar determinados campos, instituições e pessoas como sendo responsáveis diretas das transformações pelas quais a cidade passou. Observou-se, por exemplo, que muitos materiais analisados procuravam marcar a ideia de que o prefeito Jaime Lerner – pai dos curitibanos – é quem iniciou mudanças na cidade. Observe-se no trecho abaixo, como economistas “contam a história” de cidades que deram certo:

Na mesma época em que o crescimento de Curitiba começou a se acelerar, no princípio dos anos 70, um engenheiro e arquiteto [...] assumiu pela primeira vez o cargo de prefeito municipal [...]. Tratava-se de Jaime Lerner, um nome que passaria a se confundir com a própria história da tricentenária Curitiba nos 25 anos que se sucederam. [E ainda]: Lerner alterou profundamente o perfil sócio-econômico de Curitiba. Fez intervenções no ritmo de crescimento da cidade, orientando o fluxo populacional para as regiões mais bem servidas de aparelhos públicos. E conseguiu, com a continuidade administrativa, o que parecia impossível: fazer de uma cidade com vocação para metrópole um lugar aprazível para viver. [...] Mas para chegar a esse estágio, os administradores de Curitiba gastaram horas em suas pranchetas, desenhando um modelo de cidade ideal (FIGUEIREDO; LAMOUNIER, 1996, p. 28).

Para incrementar esta história a mídia impressa muito contribuiu. Diversos foram os jornais e as revistas que construíram, nas três décadas em que Lerner foi prefeito da cidade (1971-1975/ 1979-1982/ 1989-1992) e na sequência, governador (por duas gestões seguidas; 1995-1998 e 1999-2002), uma “história de heróis”. Um levantamento<sup>18</sup> das matérias de jornal que se referiam à cidade de Curitiba e a seus prefeitos na década de 1990, por exemplo, demonstra manchetes como estas:

“Curitiba, onde existe a harmonia entre a qualidade de vida e o desenvolvimento: Um salto do 3º para o 1º mundo. A transformação de Curitiba, Cidade Ecológica do Prefeito Jaime Lerner.”

“Lerner dá as cartas: disputado por partidos de todo o País e convidado para ser ministro, o prefeito de Curitiba prefere ficar no cargo apostando no seu futuro político”.

“Importante Jornal americano elogia Lerner”.

“Cidade brasileira que se torna exemplo ambiental: ex-prefeito de Curitiba Jaime Lerner agraciado com título honorário no Canadá”.

“Revista dos EUA destaca gestão Lerner.”

“Jaime Lerner: O brasileiro do Primeiro Mundo (e do terceiro milênio)”.

“Lerner fala a 850 prefeitos no Canadá”.

“Lerner, ao discursar no Palácio Iguazu, lembrou sua origem de filhos de imigrantes e disse que buscará dar prioridade à melhoria da qualidade de vida da população”.

“Lerner recebe prêmio em Paris: União Internacional dos Arquitetos reconhece trabalho dele como ex-prefeito de Curitiba”.

Dessa forma acabava-se por construir uma ideia, para o leitor, de que pessoas individualmente fazem a história- e, nesse caso, a história de sucesso da Curitiba urbana. Sobre esta questão é bom lembrar que o caráter específico de uma determinada sociedade não é dado por indivíduos particulares, pois cada indivíduo, mesmo o mais poderoso, o chefe tribal, o monarca absolutista ou o ditador, como explicou Elias (1994), faz parte do arcabouço básico de funções interdependentes desta sociedade. Este é representante de uma função que é formada e mantida em relação a outras funções, as quais só podem ser entendidas em termos da estrutura e das tensões específicas desse contexto total.

Ainda sobre esta questão, um aspecto importante de se considerar: manchetes como “tudo que o Jaime toca não vira ouro, vira qualidade de vida” (*IstoÉ*, 1992, in SÁNCHEZ, 2001, p.158) mais do que produzir acúmulos fantásticos de poder para o prefeito – pendendo a balança a favor dos grupos estabelecidos – divulgaram a ideia de que, independente de seus princípios e de suas ações políticas, o que fazia de Lerner um prefeito de sucesso era o seu conhecimento técnico e não político. Assim, despolitizava-se a discussão pública sobre a cidade usando o argumento da competência técnica. Tal ideia também era ensinada desde cedo na escola. Com o pretexto de que se estava ensinando o pequeno curitibano a ser um verdadeiro urbanista, não se ensinava a planejar e pensar a cidade, mas, sim, a apenas conhecer, valorizar e respeitar as obras produzidas pelos técnicos:

O planejamento de uma cidade – serviços, transporte, moradia, educação, saúde e lazer – deve ser elaborado com um único objetivo: o usuário. É para o bem-estar das pessoas que uma cidade deve estar voltada. Curitiba é assim: preocupada com seu povo. Percorrendo os caminhos de ontem e de hoje, a população tem a oportunidade de conhecer e de valorizar os espaços que ocupa. O cidadão curitibano deve sentir-se parte da cidade. Deve ter a consciência de reconhecer e de respeitar a obra daqueles que a construíram e de, ao mesmo

tempo, sentir-se responsável por ela (LIÇÕES CURITIBANAS, 3ª série, v. 1, 1994, p. 134).

Mas, quando, como e por que, afinal, a cidade foi apresentando uma nova configuração social? Sabe-se que, de fato, a cidade, entre a década de 1960 e 1970, tornou-se mais populosa a partir de mais um de tantos movimentos migratórios que o Estado do Paraná teve ao longo do tempo, tornando-se mais urbana e industrial e menos agrícola. Sobre isso, há diversas explicações. Wachowicz, por exemplo, comenta que em meados da década de 1960 houve a diminuição da economia cafeeira paranaense em consequência das geadas de 1963, 1964 e 1966 e também de uma política de erradicação de cafeeiros a fim de diminuir a grande produção nacional. Com a perda dos cafezais, houve o desenvolvimento da soja, do trigo e da pecuária (que, inclusive, requeria menos mão de obra). Com isso, a região perdeu uma parte de sua população que migrou para centros urbanos do Estado ou fora dele causando nova mobilização de pessoas.

Um historiador contemporâneo traz outra explicação sobre a diminuição das produções agrícolas e situa tal questão em outro momento histórico. Segundo Oliveira (2000), já era preocupação das elites locais a mudança de rumos na economia do estado desde o início da década de 1960 (antes, portanto, das geadas):

Vários fatores concorreram para uma drástica revisão dos pressupostos desses dirigentes com relação à ênfase exclusiva na natural vocação agrícola do Paraná. Por paradoxal que possa parecer, tal se deu justamente no instante em que o Paraná se convertia no maior exportador de café do Brasil, com a abertura de novas frentes pioneiras e de colonização que avançavam do Estado de São Paulo. [E explica]: Ocorre que o sucesso do Paraná como exportador de café trazia no seu bojo alguns processos inquietantes para as elites paranaenses. O principal é que essas áreas tinham conexões econômicas não com o Estado do Paraná, como se pode supor, mas sim com a cafeicultura paulista. Dessa forma, essas populações não só adquiriam os produtos industrializados e de consumo necessários em São Paulo, como exportavam o seu café através do Porto de Santos. Daí adviriam duas conseqüências graves para as elites políticas do Paraná: a evasão de divisas e a quebra da unidade territorial do Estado. Este último temor é uma constante na história política desta unidade da Federação, remontando à criação da província do Paraná [...] e sendo reatualizado com as propostas contemporâneas de criação do Estado do Parapanema (às

custas do desmembramento do norte do Estado, 1991-1992). (OLIVEIRA, 2000, p. 125).

Ante estes perigos, começou a ser gerado, segundo Oliveira, um projeto de industrialização do Estado que fosse capaz tanto de promover o desenvolvimento econômico, evitando a evasão de divisas, quanto a integração territorial, afastando o perigo de desmembramento de partes do território. Quem concretizou estes processos foi Ney Braga (1961-1966) que, para tanto, deslanchou um ambicioso programa de industrialização.

Ao que parece, a partir da década de 1960 a cidade começou a ficar mais populosa requerendo novas formas de estrutura e organização. Não há consenso, portanto, de que soluções mágicas tenham surgido com o mérito de apenas uma pessoa, a que muitos situaram como a “Era Lerner”. E sobre tais mudanças outro historiador ainda, baseando-se em entrevistas com moradores antigos na cidade (com idades entre 60 e 80 anos aproximadamente e sendo estes leitores atentos e ativos de Curitiba), revelou que, na memória destes, a cidade já vinha modernizando-se mesmo antes da década de 1960. Para estes, isso veio ocorrendo desde as Comemorações do Centenário da Emancipação do Paraná (1953) ou mesmo, a partir de outros prefeitos e governadores. Segundo entrevistas colhidas por Santos (1995):

como a obra do Centenário, foi feito a maioria das coisas que tem em Curitiba; pelo menos iniciado como obras para essa comemoração, em 1953. Teatro Guairá, Biblioteca Pública, Centro Cívico – em construção até hoje –, o Grupo Tiradentes [...]. Então, a Curitiba de 53, quer dizer, a partir de 53 que começou, assim, o desenvolvimento de Curitiba.

A partir dos prefeitos, Curitiba começou a evoluir, quer dizer, a partir do governo. O governador Bento, acho que foi eleito em 50, ele resolveu modificar Curitiba [...] Depois, à medida que foram entrando os prefeitos todos, cada um teve a sua fase (Entrevista do 1, 1995, p. p. 91, p. 110).

Assim, a história das alterações e soluções urbanas parece estar em aberto, possibilitando que outras pesquisas se realizem<sup>19</sup>, pesquisas estas que ajudem a desconstruir versões históricas unilaterais que têm fortalecido alguns grupos da cidade.

Além da ideia de que a história da cidade é a própria história de Jaime Lerner, outra estratégia dos grupos estabelecidos, na década de 1990, foi enfatizar determinados campos e instituições. Diversos materiais analisados procuravam inaugurar a história da Curitiba urbana também por meio do

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC) e, assim, a partir do enaltecimento do campo do urbanismo e da arquitetura. Tal importância evidencia-se na coleção *Memória da Curitiba Urbana*, produzida por este instituto que, pretendendo “contar a história da evolução urbana da cidade”, traz na quase totalidade das vezes, a voz de arquitetos, urbanistas e prefeitos<sup>20</sup>.

Uma produção do instituto que deixa clara a relação entre história da cidade e a história do urbanismo (leia-se na maior parte das vezes a história do próprio instituto) é o livro *Curitiba em Dados 2004*. No item denominado Aspectos Históricos, conta-se a história da cidade a partir dos anos e dos equipamentos urbanos selecionados como importantes. Dessa maneira produz-se a sensação de que a abertura de ruas e a inauguração de equipamentos públicos são mais importantes do que acontecimentos envolvendo os curitibanos e suas vidas coletivas. É possível compreender a evolução da cidade, neste livro, também a partir das imagens e fotografias ali expostas. As primeiras imagens mostram uma Curitiba que continha casas e muito verde; depois, casas e prédios; e, em seguida, uma Curitiba totalmente urbana e cheia de arranha-céus. Na década de 1970 muitas páginas dedicadas à criação do Parque Barigüi, ao transporte público e ao fechamento da Rua XV (feitos do prefeito Jaime Lerner); passa-se rapidamente pela década de 1980 (momento que assume a prefeitura um governo de oposição) e aporta-se na década de 1990, com mais de o dobro de páginas dedicadas a mostrar muitos parques e bosques, imagens da Escola de Tempo Integral de Curitiba, os Faróis do Saber, as Ruas da Cidadania etc. Parece que a urbanização da Curitiba de Primeiro Mundo começa na década de 1970 e – pelas imagens – costura-se definitivamente na década de 1990.

Mesmo considerando-se que antes de ser prefeito pela primeira vez, Lerner tenha trabalhado no instituto<sup>21</sup> e que a “Era Lerner”, portanto, teria se iniciado antes da década de 1970, escolher contar a história urbana, deste modo, significaria, de certa forma, forjar uma história que produziria ainda mais coesão aos já conhecidos grupos estabelecidos da cidade, notadamente, os ligados a interesses políticos e econômicos.

Inusitado também neste processo é que alguns outros campos se percebiam autorizados a contar a história da cidade. Um exemplo satisfatório para demonstrar tal questão foi demonstrado por Santos (1995) que apresentou em sua pesquisa imagens de aparadores de copos de cerveja que circulavam pelos bares da cidade na época do aniversário dos seus 300 anos, com trechos que contavam, pela voz do empresariado (Cerveja Brahma), a história “urbana” da cidade.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Isso faz lembrar, mais uma vez, a necessidade de reconstituir o caráter temporal dos grupos e suas relações como processos na seqüência temporal, caso queiramos entender as fronteiras que as pessoas traçam ao estabelecer uma distinção entre grupos a que se referem como “nós” e grupos a que se referem como “eles” (Elias; Scotson, 2000, p. 46).*

De tudo o que foi dito é possível destacar, em primeiro lugar, que o tempo foi uma categoria importante acionada na execução do projeto da cidade da década de 1990 e início dos anos 2000. Em segundo, que circularam naquele momento memórias e histórias da cidade bastante diversas (e algumas, inclusive, de décadas anteriores) que influenciaram na construção da identidade da cidade e do cidadão curitibano, demonstrando também que tais identidades eram fruto de disputa e não de consenso. E por fim argumentar que destas diversas histórias, as contadas por determinadas instituições, grupos e atores estabelecidos na cidade tiveram maior possibilidade de circular.

Mas, tais histórias ajudaram a se construir quais compreensões do mundo social? Ao que parece ajudaram na construção de uma visão linear em blocos, e ascendente de tempo histórico. A capitalização da figura do prefeito Lerner como o fundador da cidade urbana, como o produtor de soluções, o põe em um papel histórico aos moldes do que Burke denomina de história total, feita por heróis. A história assim construída deixa pouca margem para que se pense a sociedade como em constante luta por significados em que o papel da sociedade civil é ativo. A ideia de que a cidade pudesse ser transformada da noite para o dia, pelas mãos de técnicos competentes e de instituições legitimadas, afasta o conflito, a contradição e a análise das tensões nas relações de poder, tão necessárias a uma compreensão histórica densa, reflexiva e constantemente investigativa.

Os atores sociais operaram de sorte a resgatar, produzir ou mesmo forjar uma história que lhes interessasse. Os autores dos materiais analisados e mesmo os planejadores das construções realizadas na cidade, selecionaram determinada memória para perpetuar e, ao realizarem o “enquadramento da memória” (POLLAK, 1989), tornaram invisível o negro para poder sublinhar a história da colonização europeia e branca, e, portanto, civilizada e culta. Explicaram os “imigrantes” como uma única e generalizada categoria não contando sobre o conflituoso processo de aculturação que sofreram e

nem como foram pensados em um amplo projeto de “caiação” do País. Produziram uma história romantizada e ascendente de contínuo sucesso em detrimento da história do duro começo, da pobreza e da insignificância da cidade e omitiram as relações de poder entre brancos, índios e Igreja. Enfim, pela repetição dessa memória, dessa história, criou-se o que Hobsbawm (*in* HOBSBAWM; RANGER, 1997, p. 10) chamou de “tradições inventadas” que, embora tivessem alguma relação com o passado histórico, “caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial”. De acordo com este autor, inventam-se tradições muitas vezes para se obter coesão social ou para a admissão de um grupo na comunidade. No caso de Curitiba, repetir a história da harmonia interétnica no que diz respeito à chegada de diversos imigrantes na cidade, por exemplo, demonstra tanto a necessidade que a comunidade teve de admiti-los e integrá-los quanto fornece pistas de que o convívio entre eles pode ter sido um processo nada “harmônico”. Com o passar do tempo, pode-se admitir que esta história de harmonia contribuiu para reforçar a ideia de coesão social na cidade, mas tal coesão se fez a partir de determinadas etnias, determinados valores sociais que ajudaram a produzir, no indivíduo, a concepção que ele tem de si mesmo enquanto curitibano e do coletivo da cidade. Segundo Hobsbawm, as tradições inventadas ocorrem com mais frequência quando

uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as “velhas” tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis; quando as velhas tradições, juntamente com seus promotores e divulgadores institucionais, dão mostras de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e da flexibilidade; ou quando são eliminadas de outras formas (HOBSBAWM *in* HOBSBAWM; RANGER, 1997, p.12).

Em suma, para ele, inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas na sociedade, sendo que o próprio aparecimento de movimentos que defendem a restauração das tradições já é um indicativo da ruptura da continuidade de tradições antigas. No caso de Curitiba, supõe-se que tenham ocorrido tais invenções, com maior frequência, ao longo do último século, principalmente quando a cidade se tornou menos agrícola e mais industrializada, mais urbana e populosa em razão dos frequentes movimentos migratórios. Analisar desde já alguns indícios destas invenções ajuda no esclarecimento de que tipo de relação os moradores da cidade estabelecem com o seu passado. Assim, “as tradições

inventadas são sintomas importantes e, portanto, indicadores de problemas que de outra forma poderiam não ser detectados nem localizados no tempo. Elas são indícios” (HOBSBAWM *in* HOBSBAWM; RANGER, 1997, p. 20). Nesta esteira, compreender como a escola curitibana ensina seus alunos a se relacionarem com o passado também é importante. Hobsbawm (1988, p. 47) também indagava: “Por que [...] todos os regimes fazem seus jovens estudarem alguma história na escola?” Sobre isso o autor responde:

Não para compreenderem sua sociedade e como ela muda, mas para aprová-la, orgulhar-se dela, serem ou tornarem-se bons cidadãos dos EUA, da Espanha, de Honduras ou do Iraque. E o mesmo é verdade para causas e movimentos. A história como inspiração e ideologia tem uma tendência embutida a se tornar mito de autojustificação. Não existe venda para os olhos mais perigosa que esta, como o demonstra a história de nações e nacionalismos modernos.

Ao se produzir a tradição de pensar Curitiba como cidade de primeiro mundo, civilizada e culta, distanciada da história do Brasil (negro, atrasado, não evoluído) e, portanto, próxima da história europeia é que diversos grupos produziam coesão em torno de um projeto em muitos aspectos branqueador e preconceituoso. Toda esta propaganda da história da cidade deu visibilidade aos prefeitos Jaime Lerner e aos seguintes, Rafael Greca e Cássio Taniguchi (governos de continuidade política de Lerner) e ao Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba.

Os grupos considerados *outsiders* (historiadores contemporâneos, alguns literatos, chargistas e pesquisadores) não conseguiram, ao longo das últimas décadas, produzir a coesão necessária para que pudessem interferir na força que o projeto da cidade teve, naquele momento, produzindo outras versões históricas. Assim, vozes silenciadas, memórias soterradas, histórias não contadas vinham à tona ou pelas mãos do próprio campo da história ou do literário e, às vezes, por pesquisadores de diversos campos na academia. Tais vozes *outsiders* tiveram pouca possibilidade de se fazer ouvir, na correlação de poder existente no período.

A Secretaria Municipal de Educação, grande divulgadora do projeto por meio do currículo oficial, pretendeu com a divulgação destas tradições e memórias, menos que as crianças refletissem sobre a cidade<sup>22</sup> e até que discutissem como torná-la menos excludente, e mais, que aprendessem a amá-la e a orgulhar-se dela. Estas se tornariam, assim, “boas cidadãs curitibanas”, divulgadoras da “capital europeia” e, enfim, do projeto vigente na cidade, à época.

Embora se considere que a cidade de Curitiba tenha tido alterações na década de 1970 e se reconheça a importância de Lerner na urbanização da cidade ou mesmo do IPPUC e dos campos do urbanismo e da arquitetura, pensar uma configuração social de uma cidade é muito mais do que isso. Trata-se de pensar menos por indivíduos isolados ou por instituições e mais pelas redes de interdependência formadoras dessa nova configuração. Ao que parece, o caminho está aberto para novas pesquisas que montem, remontem e se proponham a conhecer estas redes formadas por diferentes atores, campos e instituições.

#### ENLIGHTENING CURITIBA'S PAST: RELATIONSHIP BETWEEN THE CITY, A SCHOOL AND A CURRICULUM

ABSTRACT: the idea of the article is to find out, from one hand, what kind of stories and memories were introduced into the circulation in Curitiba in 90-ies and at the beginning of the XXI-st century and what was its relation towards the current city development project, and, from the other hand, what was the role of education and of the official curriculum in particular, in this project. We came to the conclusion that there were various city stories at the period of our interest. It indicates the presence of constant dispute between the identity of the city and that of the citizen. The stories selected by the established groups were of the major possibility to circulate to the detriment of so called *outsiders* (Elias). The official curriculum of the municipal education network reinforced the apolitical, sometimes prejudiced character of the city development project.

KEYWORDS: city, Curitiba, Curriculum, Norbert Elias.

#### NOTAS

- 1 Imagens e slogans que circularam na mídia impressa e televisiva nas décadas de 1970, 1980 e, maciçamente na de 1990, como: “cidade sorriso”, “capital da união das etnias”, “cidade modelo em urbanismo”, “capital ecológica”, “capital cultural”, “capital social” etc. Ver sistematização geral destas propagandas no capítulo 1, parte II da tese de Ferreira (2008).
- 2 Sobre os campos há de se lembrar que não foram investigadas questões internas a cada campo, mas sim, como os campos se movimentavam na relação com um objeto externo, no caso aqui, o projeto da cidade. Embora o termo “campo” seja utilizado no sentido de Bourdieu (2000), está também próximo da utilização feita pelo historiador norte-americano Darnton, que, ao afirmar sobre

- sua proximidade com Bourdieu e Weber explica: “o ponto não é estudar um campo intelectual ou um assunto, mas a maneira como um assunto se relaciona com outro” (DARNTON *in* OLIVEIRA *et al.*, 2003, p.174).
- 3 Para este artigo selecionou-se dados curriculares referentes à coleção de livros didáticos *Lições Curitibanas*, elaborada por uma equipe multidisciplinar de professores da Secretaria Municipal de Educação, na gestão do Prefeito Rafael Greca (1993-1996) e distribuída a cada criança da rede nos anos de 1994-1995, objetivando a efetivação do currículo básico. As escolas, de modo geral, utilizaram-no também nos anos seguintes.
  - 4 O *Curitibinha* foi um jornal infantil distribuído mensalmente às crianças da rede municipal de Curitiba durante seis anos da década de 1990 (de 1995 a 2000), nos anos finais da gestão Greca (1993-96) e durante a primeira Gestão Taniguchi (1997-2000). Tinha como objetivo, além de divulgar conteúdos de ensino, também propagar o projeto da cidade daquele período.
  - 5 A opção pela análise desse livro deu-se por ser este uma referência em se tratando da História do Paraná e de Curitiba. Embora a primeira edição tenha ocorrido entre o final da década de 1960 e início da de 1970 (e daí o cuidado, na análise, com o tipo de história possível de ser produzido naquele momento histórico), o livro teve diversas reedições nas décadas seguintes, sendo bastante utilizado ainda na década de 1990. Em diversos materiais de divulgação da cidade verificou-se a utilização de informações retiradas deste livro. O livro é dedicado pelo autor “aos colegas de magistério”: “trata-se, portanto, de um livro didático que serviria, segundo o historiador, “tanto a aprendizagem dos alunos como na preparação das aulas dos professores” (a versão aqui utilizada é a 7ª ed./ 1995).
  - 6 Por exemplo, Fernandes (2007); Fenianos (2003); *Lições Curitibanas* (1994); Curitiba em Dados 2004 (2004).
  - 7 Theodoro De Bona – *Cacique Tindiquera indica o local da fundação de Curitiba*. In site: pintores da paisagem paranaense ([www.gilsoncamargo.com.br](http://www.gilsoncamargo.com.br)).
  - 8 Entrevista concedida por Elias a van Voss e van Stolk in Elias (2001).
  - 9 Cartunista curitibano bastante destacado pela análise do cotidiano da cidade. A charge foi veiculada em 2005 em edição especial da revista *Ideias* (edição comemorativa ao aniversário de 312 anos da Cidade e que veiculou artigos com opiniões diversas sobre a cidade).
  - 10 Trevisan escrevia: “Não viajo todas as Curitiba, [...] a de Romário Martins em que o índio caraíba puro bate a matraca, barquilhas duas por um tostão; essa Curitiba merdosa não é a que viajo” (TREVISAN *in* NICOLATO, 2002, p. 22). Tal trecho consta no livro *Minha cidade* (publicado na revista *Joaquim*,

- em 1945), mas, com reedição em 1968 quando passa a se chamar *Em busca de Curitiba perdida*. Nicolato (2002) destaca que, além de diversas edições, o texto foi republicado em pelo menos dois momentos marcantes na história do Paraná e de Curitiba, “em 1953, por ocasião das comemorações do I Centenário de Emancipação do Paraná e, em 1992, durante os preparativos do aniversário dos 300 anos de Curitiba, que aconteceria no ano seguinte” (NICOLATO, 2002, p. 13).
- 11 Ver mais sobre isso no capítulo 2 da tese de Ferreira (2008). Esta relação entre literatura-cidade-currículo também foi discutida e apresentada no Seminário Internacional “Escola e Cultura” – 2008/ PUC-SP, sob o título: *Cidade, escola e currículo: representações sobre o curitibano na produção literária da cidade, na memória de seus moradores e nos materiais curriculares da rede municipal de ensino na década de 1990*.
  - 12 Site: <<http://www.ippuc.org.br/informando/imagens/Revista03.pdf>>.
  - 13 Na pesquisa de Moraes e Souza (1999), os autores analisam o processo de construção de Curitiba enquanto “capital europeia” o que, por sua vez, segundo eles, implicou tornar a população negra invisível. Os autores apontam Martins e Wachowicz como intelectuais que ajudaram a desenvolver as ideias de que o Paraná era diferente do restante do Brasil, neste sentido.
  - 14 Em 1660, por exemplo, 59% da população do País era constituída de escravos, em 1816, do total de habitantes, 57% eram escravos (WACHOWICZ, 1995, p. 134). Já dados recolhidos por Ianni sobre fins do século XVIII, a partir de estudos de Romário Martins apontam que na região do planalto, cuja vila principal era Curitiba, pretos, pardos e mulatos “alcançam 34% do total dos habitantes” (IANNI, 1988, p. 31).
  - 15 Este sociólogo escreveu um livro intitulado *As metamorfoses do escravo* como parte de seus estudos sobre “história social”, privilegiando a análise da escravatura em Curitiba e no Paraná.
  - 16 Ver, a respeito disso o depoimento do *rapper* Cipó que fala do pouco reconhecimento da música afro produzida nas periferias da cidade (em reportagem à revista Ideias/2005).
  - 17 Ver sobre isso pesquisa de Octavio Ianni (1961).
  - 18 Levantamento feito por Ferreira (2008) a partir de Pastas arquivadas no Setor Paranaense da Biblioteca Pública do Paraná, com recortes de diversos jornais e revistas: *Correio, Voz do Paraná, Jornal do estado, Correio de notícias, O Estado do Paraná, Folha de Londrina, A Folha da Imprensa, Diário Popular, Gazeta do Povo, Indústria e Comércio, Istoé, Exame, Manchete, Veja*.

- 19 Apenas a título de exemplo, há pesquisas que também procuram compreender o papel do Plano Diretor da Cidade, datado de 1965, criado no âmbito do IPPUC, como mais um fator a ser considerado no desenvolvimento desta década.
- 20 Tal coleção produzida a partir de 1989, tendo Cássio Taniguchi como Diretor-Presidente, apresentava, ao menos nos seus primeiros sete livros, depoimentos das pessoas que pensaram Curitiba: muitos engenheiros e engenheiras (de obras, elétrico, civil), muitos jornalistas, ex-prefeitos, professor de economia, arquitetos e arquitetas, advogados e advogadas; e apenas uma bibliotecária, um artista plástico, uma pedagoga/socióloga, uma antropóloga. Em 1992, a partir do oitavo livro, a coleção passa a apresentar os programas e projetos implantados em Curitiba sendo o primeiro deste novo formato, intitulado *Escola de Urbanismo Ecológico*.
- 21 Em 1965 Lerner participou da criação do IPPUC.
- 22 Paradoxalmente, nas páginas iniciais do livro *Lições Curitibanas* defendia-se que a coleção objetivava desenvolver o Currículo Básico nas escolas. Tal currículo, de corte marxista, e, portanto, defendendo a metodologia dialética, caso fosse de fato compreendido pelas escolas, poderia levar a que professores analisassem de forma crítica a coleção *Lições Curitibanas*, o *Jornal Curitibinha* e toda a propaganda divulgada sobre a cidade. Talvez, a partir da Pedagogia Histórico-Crítica, as professoras, na prática, tenham procurado e trabalhado com versões históricas *outsiders*. A esse respeito, embora uma segunda fase da pesquisa ainda esteja em andamento, ao se investigar a memória de professoras que estiveram em sala de aula na década de 1990, pôde-se observar que, na sua maioria, estas dizem ter gostado muito de trabalhar a partir do *Lições Curitibanas* e do *Curitibinha*. Para diversas entrevistadas o conteúdo destes materiais era muito bom, especialmente na disciplina de História, como, por exemplo, nestes depoimentos: “ele sempre fazia aquele elo do ontem e do hoje, do início como era antigamente e mostrava na época, que... nos anos lá daquela aparição, digamos assim [...]” ou ainda, “eu achava muito rico... Em sentido principalmente de conteúdo, principalmente da história de Curitiba. Eu gostei dele prá trabalhar realmente em história, a história de Curitiba, o que era Curitiba, eles estavam vendo ali, né?” (entrevistadas 1 e 3, fase 2 da pesquisa Cidade, escola, currículo, 2009-2011).

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000, 322 p.
- BORUSZENKO, O. A imigrante ucraniana em prosa e verso. *História: Questões e*

*debates*, Curitiba, v.9, n. 17, 1988, p. 360-365.

BURKE, Peter. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. da Unesp, 1992.

CURITIBA EM DADOS. Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. 2004, 292 p.

\_\_\_\_\_. Secretaria da Educação. *Lições curitibanas*, Curitiba: PMC/SME, 1994.

DUDEQUE, Irã José Taborda. *Espirais de madeira: uma história da arquitetura de Curitiba*. São Paulo: Studio Nobel, 2001, 437 p.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador 1: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, 277 p.

\_\_\_\_\_. *Norbert Elias por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, 166 p.

\_\_\_\_\_; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, 224p.

FENIANOS, Eduardo Emílio. *Manual Curitiba: a cidade em suas mãos*. Curitiba: Univer Cidade, 2003, 137 p.

FERNANDES, Carlos Renato. *Curitiba: Brasil*. Curitiba, 2007, 188 p.

FERREIRA, Valéria Milena Röhrich. *Tecendo uma cidade modelar: relações entre currículo, educação escolar e projeto da cidade de Curitiba na década de 1990*. 2008, 261p. Tese (Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

HISTÓRIA. *Espaço Urbano*. Revista do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC), n. 3, jan. 2003, p. 22.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.). *A invenção das tradições*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997, 316 p.

HOBSBAWM, Eric. *Sobre História: ensaios*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, 336 p.

IANNI, Octavio. A situação social do polonês em Curitiba. *Sociologia: Revista dedicada à teoria e à pesquisa nas Ciências Sociais*. São Paulo, v. 23, n. 4, dez. 1961, p. 375-393.

\_\_\_\_\_. *As metamorfoses do escravo*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1988, 271 p.

IDEIAS: Política, Economia & Cultura do Paraná. Curitiba, v. 2, n. 20, mar. 2005, 82 p. Edição especial.

LEMINSKI, Paulo. *Anseios Crípticos: (anseios teóricos) Peripécias de um investigador do sentido no torvelinho das formas e das idéias*. Curitiba: Criar, 1986, 140 p.

MAUSS, Marcel. *Ensaio de Sociologia*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005, 493 p.

MORAES, Pedro Rodolfo Bodê de; SOUZA, Marcilene Garcia de. Invisibilidade, preconceito e violência racial em Curitiba. *Revista de Sociologia Política*, Curitiba,



n. 13, nov. 1999, p. 7-16.

NADALIN, Sergio Odilon. Imigrantes alemães e descendentes em Curitiba; caracterização de um grupo social. *História – Questões & Debates*, Curitiba, jun. 1981, v.2, n. 2, p.23-35,

NAVOLAR, Jeferson Dantas. A “comitância” dos específicos com o genérico: a preservação do patrimônio em Curitiba e a arquitetura dele resultante de 1965 a 2000. 227 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Bahia, 2006.

NICOLATO, Roberto. *Literatura e Cidade: o universo urbano de Dalton Trevisan*. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal do Paraná, 2002.

OLIVEIRA, Dennison de. *Curitiba e o mito da cidade modelo*. Curitiba: Ed. da UFPR. 2000. 203 p.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi; FERREIRA, Marieta de Moraes; CASTRO, Celso. (Org.). *Conversando com...* Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2003, 219 p.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

SÁNCHEZ, Fernanda. A(In)sustentabilidade das cidades-vitrine. In: ACSELRAD, Henri (Org.). *A duração das cidades: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 155-175.

SANTOS, Antonio Cesar de Almeida. *Memórias e cidade: depoimentos e transformação urbana de Curitiba (1930-1990)*. 116 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 1995.

SOARES DE OLIVEIRA, Luiz Cláudio. *Joaquim contra o paranismo*. 234 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Departamento de Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 2005, Curitiba.

VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Agustín. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, 151 p.

WACHOWICZ, Rui. *História do Paraná*. Curitiba: Vicentina, 1995, 277 p.